

## **Escola do Campo nas periferias das grandes cidades.** *Rural School in the outskirts of large cities.*

FERNANDES, Clayton D R.

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, kreito.fernandes@gmail.com.

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Políticas Públicas e Agroecologia**

**Resumo:** Nunca o campo produziu tanto, nunca o campo produziu para tão poucos. As safras recordes são acompanhadas pela contumaz escassez de alimento e pelo desaparecimento da população rural. Talvez o índice mais contundente deste desaparecimento seja o fechamento de escolas rurais. Números que vão de 80 a 100 mil escolas rurais fechadas nos últimos 20 anos. Significa uma contínua procissão do campo para a cidade, precisamente para as periferias. Tento aqui associar o campo com a periferia das cidades; situar a origem camponesa dos moradores destas precárias franjas urbanas; observar de como a ilusória luz da cidade ofusca suas histórias, a tal ponto de esquecerem de onde vieram e a tal ponto de negarem qualquer referência identitária ao campo. Então proponho refletir como uma escola com características de Escola do Campo poderá difundir outro futuro, não mais em direção aos muros da cidade, mas em retorno ao campo através de uma Reforma Agrária ampla e popular que privilegie a Agroecologia.

**Palavras-chave:** identidade camponesa; reforma agrária; agroecologia.

#### **Introdução**

Vivemos hoje um acentuado esvaziamento populacional do campo, que teve início nos primeiros anos da década de 1960 – edição do Estatuto da Terra - e se agravou nos anos seguintes, principalmente na década de 1990, com a chegada, aqui, da política econômica neoliberal. A expulsão do homem da terra supriu, pelo menos, duas necessidades da nova ordem econômica. Fornecer mão de obra saudável e barata para a indústria e serviço e reduzir o preço da terra ocupada por camponeses, negando-lhes, de um lado, a propriedade formal de suas terras e, por outro lado, criminalizando a ocupação das terras improdutivas – latifúndios.

O destino único desta população foi a cidade grande, precisamente a sua periferia onde, de diversas formas, se organizou no novo espaço – ainda não seu novo território, criando ruas, vielas, escadões, pinguelas, passagens e demarcando seu lar nos interstícios destes espaços. Para esta demarcação valem todos os materiais; lona, plásticos, madeirite, arames, latas, isopor, papelão... Tudo isto à luz da complacência do poder público municipal. Com a nova casa termina a jornada que começou no campo e a trouxe até à cidade. Aqui o Capitalismo tem a sua primeira vitória. Um camponês a menos e um operário a mais. O operário não vai mais olhar



para o campo, vai olhar para a cidade e seus fetiches. É necessário quebrar o elo com o campo, pois a simples existência de um camponês é uma afronta ao Capital.

**Concentração da Terra.** Quando olhamos os grandes latifúndios de soja ou de eucalipto, desertos de gente, vemos somente uma metade. A outra metade desta realidade está na periferia das cidades. Os que estavam aqui foram expulsos para a cidade. A professora Maria Isaura Pereira de Queiroz assinala a relação entre as mudanças no **Campo** e o surgimento das favelas nas grandes **Cidades**:

*A proliferação das favelas, ou a sua diminuição em torno das cidades grandes, foi sempre muito mais função das modificações sobrevindas no meio rural, do que da industrialização ou de uma hipotética "atração exercida pela vida urbana". Os habitantes do meio rural sustentam e criam a população jovem a seu cargo, no período em que ela é quase improdutiva; no momento em que os jovens adultos se tornam plenamente produtivos, o meio rural perde sua força de trabalho em benefício da cidade, que não a criou nem sustentou. (QUEIROZ, 1969, p. 89 e 92)*

**Três momentos**, a crise do café em 1929, a industrialização do Campo 1990 e a desindustrialização da Cidade, desde os anos 1980.

Desde a crise das lavouras de café em 1929 teve início uma nova relação da produção agrícola e sua mão de obra. Grandes agricultores começaram a utilizar mão de obra temporária. Parcela dos trabalhadores das lavouras foi expulsa destas fazendas e muitos procuraram abrigo nas cidades. A partir dos anos 90 houve um agravamento na situação do Campo com o surgimento do latifúndio mecanizado (autodenominado agro negócio) voltado para a exportação de grãos.

Estes avanços científicos e tecnológicos, todavia, vieram acompanhados do que há de mais perverso no atual modelo de agricultura, a expropriação dos meios de produção de uma parcela significativa da população camponesa, mais especificamente, a terra de trabalho. *Esta, o Capital transformou em terra de negócio, expulsando um sem-número de trabalhadores do campo.* (PERIPOLLI; ZOIA, 2011, p. 190). Também Alentejano aponta este movimento: *“ao longo de todo o seu processo de industrialização, o Brasil transformou agricultores e habitantes do meio rural em trabalhadores urbanos”.* (ALENTEJANO, 2003, p. 18)

Nas cidades houve um agravamento na situação de pobreza da população urbana com a desindustrialização e a política econômica neoliberal. Isto reflete na periferia de várias maneiras. Há um fluxo de pessoas empobrecidas da cidade para a sua periferia disputando espaços com o fluxo migratório do campo.

*O Brasil tem 11.403 favelas, onde vivem cerca de 16 milhões de pessoas, em um total de 6,6 milhões de domicílios, segundo uma prévia dos dados do Censo Demográfico 2022, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. O resultado significa uma expansão de cerca de 40% no*



*número de brasileiros morando em favelas nos últimos 12 anos. O Censo Demográfico de 2010 tinha contado 11,426 milhões de habitantes em favelas naquele ano. (UOL, 2023)*



Quantos alqueires de roça foram deixados para trás para se montar esta foto?

### **Cidade, periferia e campo. Três mundos distintos.**

A cidade é um espaço estruturado em serviços, luz, água, esgoto, recolhimento de lixo, varrição das ruas e calçadas públicas, iluminação, manutenção do asfalto, combustíveis, semáforos, escolas, creches, posto de saúde, segurança preventiva, hospital, exames clínicos, transporte, moto boy, Uber. Quanto maior a cidade, maior variedade e pulverização de serviços. As pessoas que têm acesso a estes serviços são consideradas cidadãs. A periferia, em oposição, não disponibiliza serviços, ou muito poucos serviços à medida que se distancia do centro.

O sujeito da periferia não é um cidadão. Perdeu seus direitos trabalhistas, não tem assistência de saúde, sua moradia não tem endereço (quebrada), não tem acesso aos serviços oferecidos pela cidade. O sujeito da periferia trabalha nos serviços que constituem a cidade. O morador da periferia é visto pelo cidadão como um serviço.

O sujeito do campo – camponês - trabalha na terra. Quando o camponês perde suas terras ele não vai para a cidade, ele vai para a periferia de uma cidade. Ele não se torna um cidadão, ele se torna um serviço (frentista, entregador, motoboy, vigilante...).

*Camponeses são, além de produtores de alimentos, produtores também de migrantes. Por isso, áreas camponesas já foram chamadas de “celeiros de mão-de- obra”. (WOORTMANN, 1990, p. 217).*

A periferia não é a cidade. A periferia é um espaço de retenção de uma população pobre que serve à cidade. A periferia é mais a extensão do campo do que a franja



de uma cidade. É o campo sem terra. A periferia começa lentamente no campo desabitado e termina súbita nos muros das cidades.

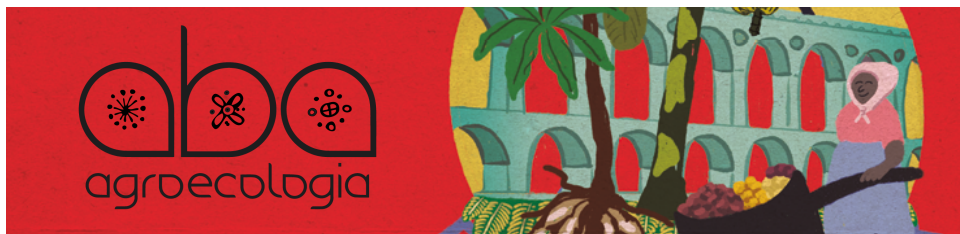
**O que é favela.** Podemos pensar que favela é um espaço na periferia onde a posse da terra é muito frágil. Em oposição temos espaços de periferias consolidados, onde existe alguma infraestrutura (geralmente transporte para a cidade) e onde alguns serviços típicos da cidade são reproduzidos de maneira precária.

**Sobre a identidade camponesa.** Para o Capital a identidade camponesa não pode sobreviver na cidade (ou próximo dela). Não é suficiente expropriar a terra. Também é necessário apagar a identidade do camponês. Aqui o Capital tem sua segunda vitória, a primeira foi a terra expropriada, agora o Capital ganha um braço a ser explorado. A cidade precisa de mão de obra operária, não precisa de um camponês. Para ter um emprego o sujeito aprende uma nova tarefa. Abandona sua identidade, trocada por um serviço e é parabenizado por isto. “Este aprende tudo rapidinho”.

*O camponês, enquanto unidade familiar de produção e de consumo, assim como o campesinato, enquanto classe social em construção, enfrentam desafios fundamentais para garantir a sua reprodução social numa formação social sob a dominação do modo de produção capitalista: o camponês, para a afirmação da sua autonomia relativa perante as diversas frações do capital; o campesinato, para a construção de uma identidade social que lhe permita constituir-se como classe social e, portanto, como sujeito social na afirmação de seus interesses de classe.. (CALDART; PEREIRA; ALENTEJANO; FRIGOTTO, 2012, p. 118)*

A Cultura e a Educação são os caminhos próprios para reconstruir a Identidade camponesa. Sem esta reconstrução de identidade o sujeito da periferia buscará seu futuro em direção à cidade. Esta opção é a opção que o Capital oferece, quer e precisa. Mas qual Educação pode mudar este futuro? Uma educação voltada às questões da periferia pode não contemplar suas origens camponesas. É preciso mudar isto. É necessário assumir que a periferia está historicamente mais próxima do campo do que da cidade, contudo está ideologicamente mais próxima da cidade, e isto é um problema para a formação da identidade dos que moram na periferia.





Esta charge tem muito daquilo que este artigo pretende colocar.

1. A periferia não é a cidade, portanto quem mora na periferia não mora na cidade.
2. Há um sonho fortemente subjetivado que indica a cidade como metáfora do futuro.
3. O campo não existe. O campo é invisibilizado nas narrativas onde se opõem cidade e periferia.
4. Pelo menos o filho tem a identidade da cidade.
5. A cidade é a única saída para uma vida melhor.

Creio que o principal mito a ser derrubado é o mito da única direção: campo para a cidade. Não estou sozinho:

*Da mesma forma, deve considerar a possibilidade de incorporar diferentes segmentos da sociedade, inclusive trabalhadores urbanos, superando preconceitos arraigados e injustificados que sustentam a idéia de que a trajetória rural-urbana é natural e sinônimo de evolução social, ao passo que a trajetória inversa sequer é admitida. (ALENTEJANO, 2003, p. 18)*

Por isto a necessidade de uma Escola do Campo na periferia que caminhe na direção de construir, primeiro uma identidade que não é urbana, uma identidade que permita (sem impor) um retorno ao campo. O campo foi apagado das narrativas urbanas, mas o campo continua lá, nas mãos de poucos. Para retomar este campo será necessário radicalizar esta reforma agrária em curso. Além de ser ampla e popular deverá também se opor à realidade do agronegócio. O agronegócio tem um calcanhar de Aquiles exposto, uma fragilidade estrutural, que é a sua relação de exploração com a terra. Aqui a terra é um meio de produção. Por isto a Agroecologia é um contra ponto ao agronegócio. Para a Agroecologia a terra é um parceiro para a produção de alimento. Neste sentido a terra é um parceiro para a vida. O agronegócio explora a terra, a Agroecologia convive com a terra.

## **Conclusões**

A maioria da população brasileira vive hoje nas periferias das grandes cidades. A periferia não é um lugar que oferece condições boas de vida. Três questões e três caminhos.

1. A reconstrução da identidade de classe que aponte para uma origem camponesa da maioria dos que moram na periferia. Esta se dará pela educação voltada às questões da terra, uma Educação do Campo. Uma educação que veja a periferia não como franja da cidade, mas a periferia como a extensão do campo, por isto uma Educação do Campo na periferia da cidade.



2. O acesso à terra àqueles que foram expropriados de suas roças, através de uma reforma agrária abrangente e popular.
3. A Agroecologia, como uma nova relação com a terra – do manuseio ao uso econômico – coloca o agricultor como vanguarda na luta contra a crise climática que vivemos. O MST, desde 2002, percebeu a necessidade de introduzir a Agroecologia em suas práticas. (BORSATT; CARMO, 203, p. 657). E isto fez mudar a percepção que a sociedade brasileira tem do MST que se tornou, também, o movimento símbolo de preservação da natureza.

### **Referências bibliográficas**

ALENTEJANO, P. R. (2003). As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. Terra Livre, 2(21), 25-39.

BORSATT, Ricardo Serra; CARMO, Maristela Simões do. A Construção do Discurso Agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais. Revista de Economia e Sociologia Rural, Piracicaba, 203.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. Dicionário da Educação do Campo. Expressão Popular, Rio de Janeiro, 2012.

PERIPOLLI, Odimar João; ZOIA, Alceu. O fechamento das escolas do campo. Revista Educação, Cultura e Sociedade, Sinop, vol/núm. 1/2, p. 188-202, 2011

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Favelas urbanas, favelas rurais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, vol/núm. 7, p. 81-99, 1969.

UOL Economia. (2023). IBGE: Brasil tem 11.403 favelas onde vivem cerca de 16 milhões de pessoas. UOL Economia. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2023/03/17/ibge-brasil-tem-11403-favelas-onde-vivem-cerca-de-16-milhoes-de-pessoas.htm>. Acesso em: 10 jul. 2023.

<https://mst.org.br/2019/11/28/80-mil-escolas-fechadas-no-campo-brasileiro-em-21-anos/>

WOORTMANN, Klass. Migração, família e campesinato. Revista Brasileira de Estudos de População, Campinas, vol/núm. 7 - 1, p. 35-53, 1990.